

Actas do Encontro
Arqueologia
e Autarquias



Ficha técnica

Título

Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias

Edição

Câmara Municipal de Cascais

Editores

Maria José de Almeida

António Carvalho

Design e paginação

Delfim Almeida

Impressão

DPI Cromotipo

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-972-637-243-1

Depósito Legal

332691/11

Local | Data

Cascais, 2011

Capa

Fotografia de Danilo Pavone

Carta Arqueológica de Mora

Leonor Rocha

CHAIA/UÉ

lprocha@gmail.com

Manuel Calado

caladomanuel@gmail.com

Pedro Alvim

CHAIA/UÉ

pdro.alvim@gmail.com

Resumo: Concluíram-se, em 2008, os trabalhos de campo, com vista à elaboração da Carta Arqueológica do concelho de Mora. Estes trabalhos, integralmente financiados pela autarquia, surgiram na continuidade de outros, anteriormente realizados pelos signatários deste projecto, apresentando-se agora os respectivos resultados finais e as metodologias adoptadas.

Numa primeira leitura foi possível identificar novos sítios arqueológicos que abarcam um espectro cronológico que vai desde o Neolítico antigo até à Época Contemporânea.

Palavras-chave: Carta arqueológica, prospecção, escavação, Mora.

1. Introdução

O projecto da Carta Arqueológica de Mora surgiu na sequência dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos, desde meados da década de 90 do século XX, com o apoio da autarquia e de projectos de investigação de dois dos signatários (LR e MC), apoiados financeiramente pelo Ministério da Cultura e pela Câmara Municipal de Mora.

Estes trabalhos tiveram em vista a compilação e revisão de dados antigos, por um lado, e, por outro, a identificação e caracterização de novos sítios arqueológicos,

no âmbito concelhio; a publicação desses resultados pretende contribuir para a preservação, promoção e valorização do património arqueológico, colocando, de forma acessível, a informação reunida à disposição dos investigadores e do público não especializado.

Efectivamente, o concelho de Mora, não obstante ser conhecido desde muito cedo pelo megalitismo funerário (Correia, 1921), não dispõe, até à data, de nenhum inventário sistemático do património arqueológico que lhe permita, de futuro, reabilitá-lo e dar-lhe sentido como um dos elementos fundamentais de memória e formação da identidade cultural.

De facto, este tipo de trabalho permite, para além do evidente interesse científico, uma mais adequada gestão do território, de que se destaca a criação de roteiros, de carácter turístico-cultural, estruturados tematicamente ou cronologicamente.

Interessa destacar, no domínio da pré e proto-história, o contributo significativo dos novos dados obtidos, que permitiram, desde já, uma melhor compreensão deste concelho centro alentejano, como um território com características muito vincadas no contexto da articulação entre o interior e o litoral.

2. Metodologia

Como se referiu anteriormente, o Projecto de Carta Arqueológica de Mora pretende dar seguimento aos trabalhos de prospecção iniciados, na primeira metade dos anos noventa, por M. Calado e, sobretudo, por L. Rocha, na freguesia de Pavia (Fig. 1); estes

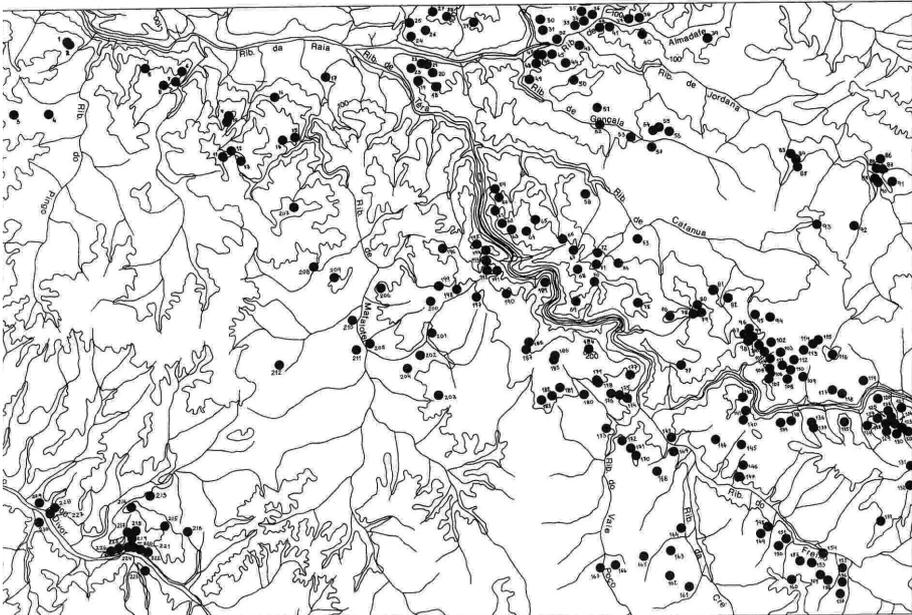


Fig. 1 Mapa geral da área de Pavia (Rocha, 1999).

trabalhos foram continuados, posteriormente, pelos mesmos autores, no âmbito das suas teses de doutoramento, ambas centradas no espaço geográfico do Alentejo Central.

Contudo, as freguesias de Mora e de Cabeção ficaram bastante marginalizadas por estes projectos, face à escassez de monumentos megalíticos e sítios associados, inventariados nestas áreas. Eram, assim, à partida, as freguesias em que se colocavam mais incógnitas sobre as realidades arqueológicas e sobre as dinâmicas de povoamento que, em termos diacrónicos, se relacionam com os diversos tipos de paisagem presentes.

Face a esta situação, optou-se, do ponto de vista metodológico, pelo investimento prioritário em áreas menos conhecidas e, nas restantes, pela realização de prospecções mais selectivas, procurando, simultaneamente, precisar a localização dos dados antigos, através do uso sistemático do sistema GPS de referência geográfica.

A análise da cartografia, nomeadamente nos aspectos oro-hidrográficos e toponímicos, em articulação com a recolha de informação oral e a análise paisagística, foram as técnicas que orientaram as batidas de campo, tendo-se revelado muito eficazes na detecção de novos sítios arqueológicos.

Também, as escavações realizadas, nomeadamente as do recinto megalítico das Fontainhas (2005), ou dos povoados neolíticos da Chaminé 3 (2006) e da Barroca 1 (2006 e 2007), e as prospecções realizadas na área envolvente, apesar de muito contidas, contribuíram para aprofundar o conhecimento deste território e abrir novas vias para investigação futura, no capítulo da neolitização do Alentejo Central.

De facto, a posição de fronteira entre as paisagens estuarinas, em que floresceram os últimos caçadores-recolectores complexos dos concheiros de Muge, e os terrenos de “terra firme” do Maciço Antigo, em que marcam presença os vestígios dos mais antigos povoados sedentários e dos primeiros monumentos megalíticos, tornam o concelho de Mora particularmente adequado ao estudo da transição mesolítico-neolítico, na região. Esta será, naturalmente, uma das questões a tratar com o devido detalhe, na Carta Arqueológica de Mora, a publicar brevemente.

Nestes trabalhos participaram alunos de Arqueologia das Universidades de Lisboa e de Évora.

3. Balanço dos resultados

Os resultados obtidos ao longo destes anos de escavações e, sobretudo, de prospecções arqueológicas, no concelho de Mora, permitiram alterar significativamente a imagem global desta área, em termos de potencial arqueológico, em diversos aspectos.

3.1. Prospecções

As várias campanhas de prospecções realizadas permitiram confirmar a escassez de vestígios de ocupação humana, nas áreas sedimentares mais afastadas dos cursos de água. Trata-se de terrenos arenosos, de relevo ondulado, que integram a bacia terciária do Tejo.

Na verdade, ao longo dos festos Raia-Sor e Raia-Divor, os resultados foram praticamente nulos.

Note-se que, nesse mesmo contexto, a presença de uma pequena mancha granítica, a Norte do Raia, alterou substancialmente o panorama, uma vez que, associados aos granitos, foram registados novos monumentos megalíticos funerários (três dos quais de pequenas dimensões, e muito destruídos, e dois outros em relativo bom estado de conservação e de dimensões médias), assim como dois novos menires. Estas descobertas vieram, pois, alterar, de forma muito significativa a mancha megalítica concelhia, confirmando, como seria de esperar, a relação íntima entre monumentos e disponibilidade de matéria-prima adequada.

De entre os resultados obtidos, destaca-se a descoberta de uma mancha de povoamento do Neolítico antigo, com vários núcleos, na margem direita da ribeira do Raia, próximo de Mora. Num deles, entretanto sondado, foi recolhido um fragmento de cerâmica cardial, bastante rara no Neolítico antigo regional.

A descoberta de vários sítios de habitat pré-históricos veio ampliar, substancialmente, a base de dados conhecida. Aliás este período é o que se encontra mais amplamente representado neste concelho, quer a nível de sítios de habitat, quer de achados isolados/dispersos, megalitismo (funerário e não funerário) e abrigos, confirmando, aliás, os dados obtidos nos trabalhos mais antigos (Fig. 2).

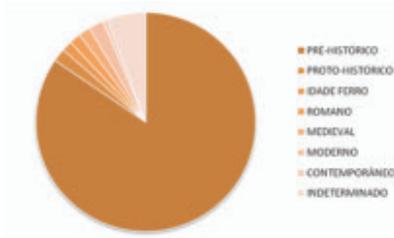


Fig. 2 Gráfico com a ocupação humana no concelho de Mora.

No que diz respeito à arte rupestre, escassamente representada no concelho, acrescentou-se um interessante exemplar, constituído por uma figura cruciforme, gravada num rochedo junto ao Moinho do Vinagre. Trata-se provavelmente de um símbolo cristão, recuperando, aparentemente, a técnica, a temática e a própria localização da arte rupestre pós-glaciar.

No que diz respeito à proto-história, destaca-se a identificação de um povoado da Idade do Bronze (Fig. 3), o único, até agora, localizado no concelho, sem paralelos, aliás,



Fig. 3 Povoado do Monte das Quintas.

nas áreas limítrofes. Trata-se de um esporão muito elevado, junto ao rio Divor, em plena mancha sedimentar.

Por outro lado, da Idade do Ferro - para além do alinhamento e necrópole da Têra (a serem intervencionados desde 1995) e do respectivo povoado - foram identificados dois novos núcleos de habitat, um deles com um possível menir, na freguesia de Pavia, e outro na de Brotas.

Para o período romano, com escassa representatividade no concelho, uma vez que apenas se conhece uma uilla romana (Cabeção), os dados não se alteraram significativamente. De facto, apenas se identificaram pequenos núcleos com ocupação desta época, permanecendo assim uma certa invisibilidade da ocupação romana no território concelhio.

Também o período medieval/islâmico se encontra muito pouco representado neste concelho. De facto, para além de alguns pequenos núcleos habitacionais (6) e de uma moeda islâmica encontrada junto ao recinto das Fontainhas, não se registaram mais ocorrências atribuíveis a este período.

Para os períodos subsequentes, se excluirmos os montes alentejanos que se encontram abandonados e num estado mais ou menos avançado de ruína, os trabalhos efectuados também não forneceram muitos dados. Esta realidade vem, de facto, corroborar o mapa elaborado por Albert Silbert (Silbert, 1978:81) onde o concelho de Mora é apresentado como tendo grandes áreas incultas, povoadas por animais selvagens (idem: 406).

3.2. Escavações

As intervenções realizadas, até ao presente, pelos signatários, neste concelho, foram enquadradas quer em projectos de investigação (Conjunto megalítico do Monte da Têra, povoado da Barroca 1, Recinto megalítico das Fontainhas), quer em operações de emergência, em sítios em muito mau estado de conservação (Chaminé 3, Anta do Monte das Figueiras, Recinto megalítico de Vale del Rey).

3.2.1 Recinto Megalítico das Fontainhas

Escavado (Fig.4) e parcialmente restaurado, em 2005 (Fig.5). O recinto das Fontainhas, propriamente dito, conserva apenas seis menires, de granito. O menir central, de maiores dimensões (com cerca de 4 m de comprimento), encontra-se



Fig. 4 Recinto megalítico das Fontainhas no decurso da escavação.



Fig. 5 Restauro do monumento.

fracturado em duas partes.

Nas proximidades deste conjunto (do lado Norte, a cerca de 15 m do menir 6) encontra-se um pequeno menir, com cerca de 1, 20 m de comprimento; por outro lado, a cerca de 70 m, a Nordeste, existe outro menir isolado, com cerca de 1,70 m de comprimento.

3.2.2 Recinto Megalítico de Vale del Rey

Intervencionado em 2002. O recinto de Vale del Rey encontrava-se desmantelado desde os finais dos anos 80, do séc. XX, com os menires todos amontoados. A intervenção arqueológica realizada permitiu identificar os alvéolos dos menires e, com o auxílio de fotografias antigas e informação oral, proceder ao seu restauro (Fig.6).

3.2.3 Anta do Monte das Figueiras

Intervencionada em 2003. Encontrava-se desmantelada, com os esteios todos



Fig. 6 Recinto megalítico de Vale d'El Rey, após o restauro.

derrubados. A intervenção arqueológica não nos permitiu recuperar a planta do monumento. Os materiais arqueológicos recolhidos apontam para duas utilizações distintas, uma na pré-história (eventualmente Neolítico médio) e outra na Idade do Ferro.

3.2.4 Povoado da Chaminé 3

Povoado do neolítico antigo intervencionado em 2006. O local encontra-se profundamente afectado por acção dos animais (coelhos) e pelas raízes dos pinheiros (Fig.7). Nas sondagens realizadas não se encontrou estratigrafia bem conservada. Os materiais cerâmicos recolhidos, apontam para uma fase antiga do Neolítico, com uma presença expressiva de cerâmica decorada, incluindo um exemplar com decoração cardial.

3.2.5 Povoado da Barroca 1

Povoado intervencionado em 2006 e 2007. Ocupa uma extensa lomba, junto à ribeira do Raia. As sondagens realizadas, até ao momento, não nos permitiram chegar a uma conclusão definitiva sobre a cronologia da respectiva ocupação, devido à ausência de uma estratigrafia clara. De facto, os materiais arqueológicos recolhidos (abundante indústria lítica microlítica, em sílex, em que abundam os geométricos, para além de escassa cerâmica lisa, ou decorada com caneluras e sulco abaixo do bordo) e a existência de estruturas de combustão (Fig. 8) e de armazenamento (silos forrados com barro cozido) parecem apontar para a existência de duas fases de ocupação - uma mesolítica e outra do Neolítico médio - ou, em alternativa, para uma neolitização tardia de um grupo do Mesolítico final.

3.2.6 Conjunto megalítico do Monte da Têra (1ª Idade do Ferro)

A ser intervencionado desde 1996, este sítio apresenta a particularidade de associar um alinhamento de menires (Fig.9) a uma necrópole de incineração, em urnas, atribuível à 1ª Idade do Ferro.



Fig. 7 Pormenor da escavação de Chaminé 3.



Fig. 8 Pormenor de uma das estruturas da Barroca 1.



Fig. 9 Alinhamento do Monte da Têra, após restauro.

Bibliografia:

CALADO, M. (1993) – Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J. (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p. 294-301. GONÇALVES, V.S. (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, pp. 294-301.

CALADO, M. (2001) – *Da serra d' Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Trabalhos de Arqueologia, 19. Lisboa: IPA.

CALADO, M. (2004) – Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. In CALADO, M. *Sinais de Pedra. Megalitismo e arte rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio d'Almeida.

CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Lisboa: FLL. Tese de Doutoramento policopiada.

CALADO, M; ROCHA, L. (1996) – Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Évora e Pavia. *Actas del Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà: [s.n.]. p. 673-682.

CALADO, M.; ROCHA, L. (2008) – Sources of monumentality: standing stones in context (Fontainhas, Alentejo Central, Portugal). BAR S1857. Early Neolithic in Iberian Peninsula Regional and transregional components / Le Néolithique ancien dans la Péninsule Ibérique. Les éléments régionaux et transrégionaux. Proceedings of the XV UISPP World Congress (Lisbon, 4-9 September 2006) / Actes du XV Congrès Mondial (Lisbonne, 4-9 Septembre 2006) Vol. 18, Session C44. edited by: Mariana Diniz, p. 61-70.

CALADO, M; ROCHA, L; ALVIM, P. (2007) – Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. Nº 2. Lisboa: IPA. 75-100.

CORREIA, Virgílio (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. 27.

LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.

MOITA, I. (1956) – Subsídios para o Estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *Arq. Port.* Lisboa: [s.n.]. III s., p. 135-175.

OLIVEIRA, J; SARANTOPOULOS, P; BALESTEROS, C. (1997) – *Antas – Capelas e Capelas junto a Antas no território português*. Lisboa: Colibri.

REPORTÓRIO TOPONÍMICO DE PORTUGAL (1967) Ministério do Exército: Serviços Cartográficos do Exército. 3.

ROCHA, L. (1997) – Os menires de Pavia, Mora (Portugal). Comunicação apresentada ao II Congresso Peninsular de Arqueologia. Zamora: [s.n.], II, p. 221-228.

ROCHA, L. (1999) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: IPA. 2, p. 71-94.

ROCHA, L. (1999) – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica.

ROCHA, L. (1999) – Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L. (2001) – O Povoamento Pré-histórico da área de Pavia. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: IPA. 4, p. 17-43.

ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.

SILBERT, A. (1978) – Le Portugal méditerranéen à la fin de l’Ancien Régime : XVIIIe – début do XIXe siècle: contribution à l’histoire agraire comparée. 2^a ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.